

Verba para a escola pública

O GLOBO

21 SET 1991

ALVARO VALLE

Estaríamos em um mundo ideal, se pudéssemos dispensar a escola pública. O jovem que recebe misturados os conceitos de um professor católico, de outro marxista e de mais um positivista terá a tendência de embaralhar isso tudo, perdendo os instrumentos de raciocínio e de lógica que lhe permitiriam aceitar ou rejeitar, livremente, o que bem entendesse. Ao contrário do que pretendem os pós-piagetianos, o conhecimento só raramente é fruto de descobertas individuais; ele é transmitido, justamente na escola, geração para geração. A melhor formação é dada pelas escolas católicas, protestantes, espíritas, positivistas, marxistas, que permitem um raciocínio lógico para que, com referências válidas, o adulto de amanhã faça a sua escolha.

Mas vamos à realidade brasileira.

A maioria de nossas escolas particulares está longe de dar qualquer tipo de formação coerente porque simplesmente não dá formação nenhuma, nem educação e nem instrução. São meros balcões de comércio. E então, se nos despirmos de preconceitos ideológicos, e pensarmos na realidade prática, não há por que defendê-las contra a escola pública. Ao contrário.

Não nos faltam grandes e pequenas escolas privadas dirigidas por educadores que são modelos de devotamento, inclusive no ensino superior. Mas a escola particular, apesar deles, está ficando sem defensores porque essa gente seria insiste em ficar no mesmo saco dos balconistas da Educação. Condenam os que fazem a defesa ideológica da escola pública, mas fazem a mesma defesa ideológica da escola privada. Não há ninguém de bom senso que, por causa do São Bento ou do Santo Inácio, vá quebrar lanças por uma escola de sobrado que vende diplomas. Vamos defender a escola privada, mas quando ela for realmente escola.

Fora das elites, as escolas privadas brasileiras estão se tornando muitas vezes trágicos balcões de ilusões e de alienação. O jovem brasileiro ainda acredita que, pelo estudo, pode ascender socialmente; é uma das últimas esperanças que lhe resta. As nossas cidades são as únicas do Mundo em que vemos esse espetáculo comovente de milhares de trabalhadores à noite, com livros em baixo do braço, tentando aprender.

Esse sonho é miseravelmente aproveita-

do por comerciantes inescrupulosos que arrancam os poucos cruzeiros-desse trabalhador ou de sua família, em "escolas" que não ensinam rigorosamente nada. E nem estão lá para ensinar coisa alguma. São pretensos educadores que vivem em busca apenas do curso que lhes dê mais dinheiro.

A quem quiser fazer a defesa intransigente da escola privada, eu sugiro um passeio pela Baixada Fluminense ou pela periferia de São Paulo. Não há doutrina que resista. Há faculdades onde os professores não aparecem — e se aparecerem, não faz grande diferença; onde alunos e mestres trocam-se perplexidades ginasianas, e de onde todo mundo sai igual ou pior do que quando entrou. Só quem tem lucro é o dono da escola, empoleirado na direção hipocrita de alguma sociedade sem fins lucrativos. E ainda posa, para os incautos, de educador.

Pelo interior, criam cursos de fins de semana até de Medicina. Como há mais vagas que candidatos, todo mundo passa, mesmo os vestibulandos que deveriam estar revido o seu Primeiro Grau. Sua família vai vender o pouco que tem para manter na escola o filho tão brilhante "que passou no primeiro vestibular que fez". Ou vai pedir ao deputado que arranje uma bolsa ou uma transferência "porque o menino é tão inteligente, mas, coitado, não é justo que deixe de estudar só porque não tem dinheiro para pagar a faculdade e viver em outra cidade". O garoto não passou em coisa nenhuma; apenas caiu em um conto-do-vigário.

A outra fórmula que está em moda é o aproveitamento do crédito educativo que existe hoje quase exclusivamente para sustentar os gigolôs da Educação. O jovem que acha que qualquer curso universitário lhe acrescentará alguma coisa, escolhe uma dessas faculdades inúteis. Faz o vestibular e evidentemente passa (quase sempre há vagas, e basta não tirar zero). Pedem então o crédito educativo. Como só é exigida a prova de carência, o dono da escola passa a receber a anuidade do Governo. É claro que depois desse curso, se era **office boy**, o jovem continuará sendo. Não vai ter dinheiro para pagar o empréstimo e ainda vai reclamar do Brasil, onde o portador de um "diploma universitário" não tem emprego... Para o jovem teria sido profissionalmente melhor ter feito um curso de três meses de datilografia. O único a lucrar com essa pantomima foi o proprietário da escola, que anda pelos corredores de Brasília defendendo a escola

privada e livre, esteio da nossa democracia.

A nossa sorte é que até agora o "bispo" Macedo ainda não descobriu a mina, e não resolveu abrir também a sua universidade. Mas, pela ordem natural das coisas, ele chega lá. Aí é que vai ser bom.

Dentro desse quadro real, perdoem-me os senhores bispos, não temos alternativa senão a concentração de verbas públicas na escola pública. Reconheço que boas escolas são prejudicadas, mas que seus diretores, verdadeiros educadores, aliem-se a nós na luta contra os que envergonham a escola privada. Esqueçam o corporativismo e porem de frequentar congressos e reuniões com esses senhores ou de associar-se a eles nas campanhas parlamentares.

A nossa escola pública é a mais cara do Mundo e está corroída pelo corporativismo; todo mundo sabe disso. Mas nela, pelo menos, existem mais ideais, e, geralmente, mais seriedade. Na UFRJ, na Uerj, na USP, na Unicamp, só para citar algumas, já se vêem hoje reações saudáveis, o que prova a capacidade que tem a universidade de se autocorriger, quando ela é uma universidade. Professores sérios já começam a rebelar-se contra os marajás internos. A patrulha da ignorância, que devastou nosso ensino superior, já tem seus flancos desgarnecidos.

A escola pública foi destroçada em uma geração. Os melhores professores ensinavam na rede municipal ou estadual, com muito orgulho. Minha mãe, professora primária, tinha um salário decente (sem ser rica porque nenhum professor no Mundo é rico), que lhe permitiu educar os filhos. O que é que fizeram disso? Experimentem hoje ver um concurso para o magistério público de Primeiro Grau. Com os salários que pagam, menores que os de empregadas domésticas, estão evidentemente recrutando professoras tão preparadas quanto empregadas domésticas. E isso, sem meias-palavras, que estamos fazendo com as novas gerações. Como os impostos não diminuíram, o que é que aconteceu?

Só pode haver uma conclusão lógica: a escola pública deixou de ser prioridade. Esse é o quadro que temos de reverter. Depois, vamos discutir a excelência da escola privada. Mas só depois.

Alvaro Valle é Deputado federal pelo PL/RJ.